

# FHC <sup>discurso</sup> "adverte" os Estados Unidos e recebe aplausos

Ricardo Amaral  
De Paris

O presidente Fernando Henrique Cardoso foi aplaudido de pé, ontem, pelos membros da Assembleia Nacional Francesa, ao fim de discurso em que avançou na linha definida pelo Itamaraty como de "advertência aos Estados Unidos" sobre a política de combate ao terrorismo. "A barbárie não é somente a covardia do terrorismo, mas também a intolerância ou a imposição de políticas unilaterais em escala planetária". FH confirmou que a frase era uma referência aos norte-americanos, mas não uma crítica a medidas antiterror ou à ação militar no Afeganistão. "É um encorajamento para que eles tenham um papel mais em consonância com a importância dos Estados Unidos no mundo hoje", explicou.

"É o momento de virarmos a página, este é o sentimento do mundo e é uma revisão interna que eles também têm de fazer", acrescentou. Para FH, o fato de os EUA terem buscado "uma rede de apoios" antes dos ataques, é um sinal de que "eles já mudaram". Itamaraty e Planalto praticamente confirmaram encontro de FH com o presidente George W. Bush, dia 8, antes da abertura da assembleia-geral da ONU, dia 10, em Nova York, que será feita pelo presidente brasileiro. FH vai insistir na necessidade de mais investimentos de países ricos na redução de desigualdades e nova repartição de poder.

No discurso, FH mencionou temas de atrito dos Estados Unidos com o Brasil e a Europa, como o protocolo de Kyoto (de investimento em limpeza do meio ambiente), o Tribunal Penal Internacional, a taxação de transações financeiras internacionais, pontos quase consensuais na política francesa. FH reforçou a posição

britânica de que um futuro estado palestino deve ter viabilidade econômica e ainda cobrou perdão da dívida dos países miseráveis. Falou vinte minutos e foi aplaudido nove vezes pelos deputados. Em Madri, semana passada, FH já havia criticado indiretamente as restrições às liberdades individuais contidas no pacote antiterror aprovado pelo Congresso dos EUA semana passada.

Entusiasmado, o ministro das Relações Exteriores, Celso Lafer, aceitou provocação de um jornalista brasileiro, que perguntou se a série de críticas aos EUA seria sinal de que "o rei está nu". "O rei não está nu. O rei tem certos pedaços da roupa que precisam ser completados", reagiu Lafer. Para o ministro, as "advertências" que FH tem transmitido, por meio de interlocutores como o britânico Tony Blair, o francês Lionel Jospin e o ex-presidente Bill Clinton, são de que "os norte-americanos não vão resolver seus próprios problemas se não estiverem atentos aos problemas do mundo".

"Uma coisa é a guerra, outra o pós-guerra, que nos preocupa", disse FH em entrevista antes do pronunciamento na Assembleia Nacional. "Conversei com Jospin e Blair e percebi que há uma unidade: o terrorismo é inaceitável e o ataque covarde deve ser objeto de solidariedade e reação imediata", afirmou. "Mas o combate ao terrorismo será mais um pacto policial e de inteligência do que a mobilização guerreira de agora, que terá de ser substituída por outras políticas".

A defesa de uma nova ordem política e econômica não implica leniência com o terrorismo, segundo FH. "A relação direta entre terrorismo e miséria é uma idéia falsa. O terrorismo em si é uma idéia perversa e alguns usam o pretexto da pobreza para justificá-la", afirmou.